HECTOR LEON SILVA SANTOS

CORPO EM MOVIMENTO: REFLEXÕES DE UM INTERCÂMBIO VOLUNTÁRIO NA COLÔMBIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de título de Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Orientadora: Profa Dra. Fernanda Simone Lopes de Paiva

VITÓRIA

2021

RESUMO: O trabalho expõe a experiência do intercâmbio cultural na cidade de Barranquilla, Colômbia, na qual foram relevantes para minha formação pessoal e profissional tanto a troca cultural como a atuação voluntária com Educação Física em uma Fundação que atende a crianças de baixa renda das áreas periféricas da cidade. Trata-se de um relato de experiência a partir da produção inicial de um diário de bordo, no qual foram feitas anotações de modo a registrar o vivido no país tal como captado pelo intercambista. Esses registros, num segundo momento, deram origem a narrativa descritivo-reflexiva sobre a experiência de intercâmbio que compõe o presente texto. A avaliação final é que, apesar dos percalços e do não atendimento de algumas expectativas, há reflexos positivos na experiência formativa do intercâmbio.
Palavras-chave: Educação Física, Intercâmbio; Voluntariado; Barranquilla; Colômbia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 4

2. NOTAS SOBRE O INTERCÂMBIO..... 5

2.2 AIESEC..... 7

2.3 UNIVERSIDADE DEL NORTE..... 7

2.4 FUNDAÇÃO ATANÁSIO GIRARDOLT..... 8

3. NARRATIVA DESCRITO REFLEXIVA..... 9

3.3 COLÔMBIA LÁ VOU EU..... 10

3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA AQUI ESTOU..... 21

4. O QUE APRENDI COM O INTERCÂMBIO..... 27

5. REFERÊNCIAS..... 30

Introdução

Meu nome é Hector Leon, tenho 29 anos, e sou estudante de Educação Física no curso de bacharelado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Sou um aluno desperiodizado, porém já cumpri toda a grade curricular e horas complementares, faltando apenas a elaboração e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para finalizar a graduação.

Durante minha trajetória, sempre estive envolvido com práticas corporais que, em sua maioria, estavam também relacionadas às artes. Dessa maneira, pude explorar inúmeros esportes e expressões humanas como um todo. Por meio do futebol, da natação, do Parkour, do Skate, do Jiu Jitsu, das danças urbanas e de salão, pude desenvolver diversas capacidades do meu corpo e passei a entendê-lo melhor. Com essas observações, pude perceber que o corpo é mais que uma ferramenta que utilizamos, sendo parte de uma conexão maior com o universo.

Após desenvolver essa percepção, passei a buscar cada vez mais desenvolver esse novo olhar e vivenciá-lo na prática, me envolvendo com atividades como a yoga, as artes marciais, a meditação, a apneia, e as terapias holísticas, por serem atividades que necessitam da atenção integrada do corpo e da mente e por possuir grande afinidade com todas.

Dessa maneira, durante a graduação, as atividades que me envolvi sempre estiveram voltadas para essa linha de práticas mencionadas, buscando então aprender como ensiná-las, tendo como base os fundamentos acadêmicos que compuseram minha formação.

Além de me apropriar e me aprofundar nesses conhecimentos, também tinha como meta vivenciar a experiência de um intercâmbio internacional e conhecer novas culturas. Com isso me inscrevi em alguns programas de fundações que proporcionam tal experiência. Um dia recebi um e-mail de uma organização mundial de intercâmbios chamada AIESEC, informando preços promocionais para experiências como

voluntariado em países, em sua maioria, da América Latina, mas, também, em outros lugares do mundo. Acabei por escolher a Colômbia para conhecer e atuar como voluntário no PROYECT Y ARTE. A proposta de intercâmbio foi para atuar na cidade de Barranquilla, desenvolvendo em uma escola atividades relacionadas à arte e ao movimento durante o período de 6 semanas.

Vi nesse momento a oportunidade de realizar meu trabalho final de curso tematizando essa experiência. A proposta foi produzir um relato de experiência a partir da produção inicial de um diário de bordo (SANTOS, 2018) no qual fossem registradas observações e descrições conforme o vivido fosse por mim captado e, num segundo momento, essas observações subsidiariam a minha reflexão sobre a experiência vivida. Santos (2018, p.3) explica que

> … de anotação em anotação [o pesquisador] passa a dar forma a um certo acúmulo de experiências provenientes dos estímulos sensoriais. Ao decorrer de uma certa temporalidade passa-se a visualizar [variantes e invariantes] de um mesmo fenômeno e aos poucos inferências e especulações teóricas passam a emergir e a orientar cada vez mais o posicionamento diante da realidade.

Assim fiz toda a preparação necessária para a viagem e embarquei para Colômbia em Outubro de 2019 para viver essa experiência até então inédita em minha vida.

Notas sobre Intercâmbio Cultural

Quando se pesquisa a definição de intercâmbio, a resposta encontrada no dicionário, é a "reciprocidade de relações entre nações", que envolvem a troca comercial, cultural, educacional, entre outras. Assim, de modo geral, pode-se definir o intercâmbio como um modelo de ação que proporciona interação entre pessoas e cultura. Segundo Bartell (2003. p.12) o conceito dessa prática, apresenta-se como "trocas internacionais relacionadas à educação, e a globalização como uma avançada fase no processo que envolve a internacionalização". E, para complementar, essa linha de entendimento, Pecequilo (2004, p. 14) declara que:

> As Relações Internacionais, portanto, nascem de uma necessidade específica das sociedades em pensar as realidades externas que as afetam, passando a interferir no encaminhamento destes processos de forma a administrá-los. Na prática, ainda que possam existir exceções, as sociedades estabelecem entre si trocas e contatos constantes da mais variada natureza e alcance, não existindo um pleno isolamento, o que leva a criação desta demanda pela compreensão do internacional.

É importante evidenciar que o intercâmbio, além do objetivo dos estudos, também visa o conhecer e vivenciar a rotina de um país. Sebben (2007, p. 27) esclarece "que se você for estudar, trabalhar e viver uma vida rotineira em qualquer outro país do mundo, então você está realizando um intercâmbio".

Seguindo esse pensamento, além do aprendizado gerado por meio da troca e da busca que tiver sido objetivada, observa-se que o intercâmbio cultural possui a capacidade de proporcionar para o indivíduo que o realiza o autoconhecimento que é gerado através da experiência. Isso fortalece o pensamento de Sebben (2007, p. 34) que diz que "a idéia central dos intercâmbios não poderia ser puramente de estudos, mas, mais do que isso, de mudança de si mesmo".

A ideia de integração com o país visitado é justamente o que se é esperado inicialmente em um intercâmbio, proporcionando ao intercambista a sensação de viver como um residente daquele país. Dentro da proposta de acolhimento e hospitalidade que podem ser associadas ao intercâmbio, para que esse seja efetivo, é necessário que o estudante que realizá-lo tenha a sensação de "estar em casa", no sentido de poder experimentar os aspectos e vivências daquela cultura e do cotidiano da região, tornando-se, dessa maneira, parte do ambiente em que vive. Para Camargo (2004, p. 6) "a hospitalidade pode ser definida como ato humano, exercido em conceito doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural".

Os programas de intercâmbio visam promover essa integração entre culturas, oferecendo diversos tipos de intercâmbios para os estudantes escolherem dentro dos seus objetivos e/ou possibilidades. Caracterizam-se como uma oportunidade de conhecer novas culturas, organizações sociais, sistemas políticos, de se aprimorar e aprender, além de conhecer as variantes linguísticas proporcionadas por um outro idioma. Nessa perspectiva, essas experiências são altamente relevantes visto que agregam valores para o crescimento profissional e pessoal.

2.2 AIESEC

A Aiesec é a maior organização internacional gerida por jovens, e também de maior liderança jovem no mundo, como eles citam em seu sítio eletrônico: "Criada em 1948 após a segunda guerra como uma das soluções de evitar conflitos similares a partir da multiculturalidade e desenvolvimento de liderança nos jovens". Hoje estão presentes em mais de 120 países, tendo mais de 2000 membros só no Brasil, realizando mais de 6000 intercâmbios por ano e tendo parceria com mais de 100 organizações. Visam atingir o objetivo do preenchimento das potencialidades humanas por meio do desenvolvimento da liderança nos jovens.

Acreditam que a juventude é a chave para um mundo melhor e que, através de seus intercâmbios, estimulam a oportunidade deles explorarem o potencial de liderança que possuem em ambientes desafiadores e multiculturais. Os intercâmbios são promovidos por meio de membros voluntários espalhados pelo Brasil (possuindo também uma base dentro da UFES), que favorecem experiências formativas nos inúmeros programas de intercâmbio que possuem.

2.3 UNIVERSIDAD DEL NORTE

A Universidade del Norte se constituiu entre 1959 e 1966, em meio a um ambiente de crescimento e progresso que ocorria em Barranquilla, Colômbia. A UniNorte conta com ampla diversidade de cursos de formação inicial oferecidos para quem se interessar em

adentrar na universidade, assim como cursos de especialização, como pós-graduação, mestrados e doutorados.

Possui uma infraestrutura de alta qualidade, onde consegue propiciar aos seus alunos e docentes, um ambiente que enriquece muito o nível de aprendizagem e construção social. Sua missão, segundo informação publicada no seu sítio, é

> la formación integral de la persona en el plano de la educación superior, y la contribuición, mediante su presencia institucional en la comunidade al desarrollo armónico de la sociedade y del país, especialmente de la Región Caribe colombiana.

Tendo em vista sua missão, a instituição busca formar seus estudantes como pessoas pensantes, analíticas e de princípios éticos sólidos, que concebam ideias inovadoras a fim de que participem de maneira ativa, empreendedora, responsável, honesta, crítica e pragmática no processo de crescimento social, econômico, político e cultural da comunidade.

A universidade oferece formação ministrada e realizada por professores qualificados e adequados, com profunda vocação acadêmica. Tendo como apoio nessa tarefa, os métodos de ensino, pesquisa e extensão mais avançados no ensino superior contemporâneo.

2.4 FUNDACIÓN ATANASIO GIRARDOT

A Fundação Atanásio Girardot é uma instituição sem fins lucrativos, que contribui para um maior desenvolvimento social na cidade de Barranquilla. Localizada no bairro La Sierrita, na cidade barranquillera, a Fundação tem como missão operar no atendimento integral de meninos e meninas de 2 a 5 anos, pertencentes a bairros vulneráveis na cidade. Oferece serviço no ambiente institucional e familiar, alcançando um trabalho em benefício do desenvolvimento saudável das crianças. Até o ano de 2025, sua meta é se consolidar como uma operadora de primeira infância, reconhecida a nível Distrital e

Nacional, por seu excelente serviço abrangente, regido por padrões de qualidade e ótimo desempenho de acordo com o ICBF (Instituto Colombiano de Bienestar Familiar) e do Distrito de Barranquilla.

A Fundação expressa possuir:

- Valores de solidariedade, construindo um enfoque de desenvolvimento baseado em direitos humanos;
- Amor e desejo profundo de oferecer às crianças os benefícios da instituição e a oportunidade de serem atendidos integralmente de forma digna e feliz;
- Compromisso, atuando no cumprimento de sua missão e visão
- Integridade como princípio fundamental de sua atuação;
- Excelência, assegurando a realização de seus objetivos buscando o maior impacto de suas atuações, por meio da contínua melhora de qualidade;
- Participação, fomentando princípios democráticos e participativos como meio necessário para transformação social;
- Transparência, baseando seu trabalho na honestidade, responsabilidade mútua e máximo acesso à informação; e por fim,
- Unidade, acreditando no trabalho em equipe e na colaboração com outras instituições e organizações, para aumentar as sinergias e melhorar o desempenho do seu trabalho.

3. Narrativa descritivo-reflexiva tendo como base o meu diário de bordo

A escrita do meu diário de bordo se deu em um caderno que levei do Brasil, no qual relatava o que estava vivenciado na Colômbia. Dessa forma, eu registrava os acontecimentos no final de cada dia, na maioria das vezes, um pouco antes de dormir, escrevendo à mão, com o máximo de detalhes possíveis de tudo que era vivido e as sensações daqueles momentos. A digitalização desse conteúdo e formatação para o TCC aconteceu somente quando retornei para o Brasil, pois meu notebook durante a viagem parou de funcionar e, como verão, eu não tive acesso fácil a um outro computador.

Nas primeiras versões que digitei do texto, fui muito fiel ao diário de bordo, trazendo informações além do necessário para o trabalho. Foi no processo de organização das anotações, de filtragem e reagrupamento, que foi aparecendo a estruturação da narrativa que compõe este relato que, mesmo mantendo o tom descritivo, é bastante diferente do diário de bordo em si.

As (re)visitas ao diário de bordo e releituras permitiram a construção da narrativa descritivo-reflexiva apresentada a seguir, compartilhando a experiência do intercâmbio. Para fins do texto final, organizei-a em dois tópicos. O primeiro narra e reflete sobre impressões gerais da viagem; o segundo tem como foco a experiência vivida com a Educação Física na organização educacional onde atuei. Em ambas procurei dar ênfase ao registro dos fatos que mais me impactaram.

3.2 Colômbia, lá vou eu!

Embarquei no voo de Vitória para o Aeroporto de Guarulhos em São Paulo, no qual realizaria uma conexão em um outro voo que me levaria até o aeroporto de Bogotá, Colômbia. Tive que esperar por 3 horas para realizar esse voo de conexão no aeroporto de Guarulhos. Após essa espera, embarquei rumo à segunda conexão que realizaria em Bogotá, para depois seguir até o destino, Barranquilla. Atravessamos o Brasil, sobrevoando vários estados sentido Norte até a capital colombiana.

Pude observar que, diferente dos voos domésticos, o internacional mesmo na classe econômica, possuem aeronaves maiores, e consequentemente o espaço entre as poltronas também. O serviço de bordo também é diferenciado, estando inclusa uma refeição completa, além de sobremesa e bebidas diversas, como café e vinho que são acrescidas às opções servidas nos voos comuns.

Após 7 horas de viagem, o avião se preparava para pousar em solo colombiano, na capital Bogotá. Nesse momento, chovia bastante e trovejava, fazendo com que o avião balançasse mais do que o normal. Porém, o pouso foi tranquilo e pouco a pouco os passageiros foram liberados para o desembarque. Fora do avião já não havia pessoas

que falassem português, e dali em diante a comunicação seria apenas em espanhol, “portunhol”, até que a nova língua se tornasse fluida.

Havia uma ala específica para estrangeiros na qual é registrada a entrada, com apresentação do passaporte na alfândega e, no meu caso, também apresentei os documentos que o Aiesec me enviou formalizando o intercâmbio. No setor de câmbio de moeda, no aeroporto, me surpreendi ao trocar alguns reais. Descobri, naquela ocasião, que a moeda brasileira valia menos do que o peso colombiano, mesmo o Brasil sendo uma potência econômica maior. O valor do câmbio dentro do aeroporto também é menor, quando comparado com as casas de câmbio que ficam fora. Com isso, identifiquei que seria mais vantajoso trocar o restante do dinheiro quando chegasse em Barranquilla.

Depois de realizar o registro de entrada no país, já fora do aeroporto, estava uma temperatura de 12º e tive aquela “vista cinza” da cidade. A primeira impressão foi que a capital colombiana lembrava bastante a cidade de São Paulo, no Brasil. A primeira comida que experimentei ao chegar à Colômbia foi uma empanada de carne, que lembra o nosso pastel frito. Porém, com uma massa de farinha de milho e a proteína temperada com especiarias locais, o que lhe dá um sabor totalmente diferente.

O tempo de espera nessa conexão de Bogotá para Barranquilla aumentou de 2 para 4 horas. Devido à forte chuva que caia, os aviões que estavam programados para aquele horário não puderam embarcar. Após o embarque, o voo levou mais de uma hora para decolar, por motivo de chuva, fazendo com que chegasse muito tempo depois do horário que eu havia informado à equipe do Aiesec, responsável pela minha recepção no aeroporto de Barranquilla.

Em Barranquilla, ao sair do avião, um bafo quente e úmido do ar daquela cidade, bastante diferente da impressão de Bogotá. Sem dados móveis desde a saída do Brasil, busquei uma rede de internet no aeroporto para contactar a equipe responsável por me recepcionar e avisar aos meus familiares minha chegada. Mesmo com o atraso de 2

horas, consegui encontrar a pessoa que me levaria até a casa do anfitrião que me receberia em seu lar nesse intercâmbio.

Durante o trajeto pratiquei o espanhol, conversando com a pessoa que me transportava, fazendo perguntas sobre os costumes da cidade, estilos musicais, o que faziam para se divertir, por exemplo. Só soube o nome do meu anfitrião quando cheguei à sua casa que ficava em um bairro da periferia da cidade de Barranquilla, localizado na parte sul, chamado de *Ciudadela 20 de Julio*.

Álvaro foi o meu anfitrião e sua casa o *host* que me hospedou naquele período que estive na Colômbia. *Host* é o termo utilizado para quem oferece uma acomodação para um intercambista. Ao entrar em sua casa, percebi uma grande simplicidade naquele lar, faltando uma estrutura adequada para acomodar pessoas. A construção foi projetada com alguns cômodos sem janelas e o teto era mais baixo do que o de uma moradia convencional. Como dito, a cidade era bastante quente e dentro daquela casa a temperatura ficava ainda maior com tais condições. Pensei no grande desafio que seria ficar 5 semanas morando ali.

Meu host Álvaro, apesar da simplicidade da casa, mostrava cada canto com grande receptividade, procurando me deixar à vontade. Além disso, ele é um grande admirador do Brasil e da nossa cultura e sabia falar um pouco de português, devido às aulas que frequentava na Colômbia. Na ocasião, ele havia dito que um dos maiores sonhos dele é o de conhecer o Brasil.

Já no dia seguinte, entrei em contato com a responsável do Aiesec, do setor Barranquilla, Andreia Bustillo, informando a situação da casa na qual fui hospedado e, meu desagrado. Solicitei para ser transferido de lá. Ela justificou a escolha daquela casa dizendo que fazia parte da minha experiência. Porém, não concordei com aquele argumento, afinal eu tinha investido uma quantia para viver esse intercâmbio, e era de se esperar uma casa com condições mínimas para receber um visitante. Além disso, a mãe de Álvaro parecia não estar ciente que me hospedaria por um período e me fazia

perguntas o tempo todo de quando eu iria embora. Era uma situação constrangedora para quem acabara de chegar como intercambista em um outro país.

Andreia Bustillo disse que conseguiria um novo lar para me hospedar, porém que teria que ficar os 4 primeiros dias no país naquela casa, para que pudesse providenciar essa nova acomodação. Durante esses dias, conheci a cidade com Álvaro, que me levou a diversos pontos de Barranquilla. Como ele não possuía veículo próprio, fazíamos os trajetos em sua maioria de ônibus. Com isso aprendi a me transportar pela cidade ao mesmo tempo que conhecia os lugares.

Observei que Barranquilla possuía um sistema de ônibus diferente do Brasil. Eles tinham o Transmetro, um tipo de BRT (*Bus Rapid Transit*) no Brasil, com estações e faixas próprias para transitar, sendo o mais rápido dentre todas as opções disponíveis na cidade. Essa linha de ônibus também possui os carros "alimentadores", que são ônibus menores que circulam entre os bairros para coletar os passageiros e levar para a estação. Esse serviço de transporte é muito bom e funciona, tendo muitos carros passando a todo momento. O tempo máximo que precisei esperar foi de 10 minutos.

Os demais tipos de ônibus eram diferentes e a maioria lembrava os micro-ônibus que circulam no município de Vitória- ES. Com a diferença que andavam com a porta aberta e o motorista parava onde quisesse para desembarcar os passageiros. Os motoristas desse tipo de ônibus param muito rápido para embarcar e desembarcar os passageiros. Dessa forma, tem que ter muito cuidado para que não se sofra um acidente. Esse tipo de ônibus é responsável pelo transporte por onde o Transmetro não passa.

Um terceiro tipo de transporte que usei lembra os ônibus do Brasil da década de 80/90, muito antigos, e alguns estavam em situação precária. Esses são responsáveis pelo transporte pelos municípios vizinhos de Barranquilla.

Andei em todos eles com Álvaro que me apresentou cada canto que podia da sua cidade com grande empolgação. Fomos em uma casa de câmbio de moedas trocar o restante do dinheiro que levei para a viagem. Levei o dinheiro em dólar pois vi alguns vídeos antes

de viajar que sugeriam ser esta a estratégia mais vantajosa para o câmbio quando chegasse à Colômbia. Porém, na ocasião, quando realizei a troca das moedas, percebi que o dólar estava valendo muito menos do que o valor que tinha comprado no Brasil. Percebi, ainda, que teria compensado mais ter levado o dinheiro em reais, pois no câmbio a diferença para baixo na conversão seria menor do que foi em dólar.

Conheci diversos pontos da cidade considerados de grande expressão, como o monumento artístico *La Ventana del Mundo*, a avenida que acompanha o Rio Magdalena, chamado de *Grán Malecón* e um bar que é considerado patrimônio cultural e musical da cidade com o nome de *La Troja*. Segundo os barranquilleros, o carnaval da cidade é o segundo maior do mundo depois do que temos no Brasil.

Nesses 4 primeiros dias que ainda estava hospedado na casa do Álvaro, pude conhecer diversos lugares da cidade, e uma praia no município vizinho, chamado *Puerto Colombia*. Este município era responsável pela entrada de mercadorias que possuía no país muitos anos atrás. Ainda em *Puerto Colombia* chamou a minha atenção um monumento antigo denominado de *Castillo del Salgar*, que são ruínas de um antigo Forte do tempo colonial e que fica na beirada da praia com uma vista fantástica do município.

Nessa primeira parte da viagem é possível destacar um misto de felicidade, ansiedade e apreensão. Tudo era inédito, nunca tinha feito uma viagem desse porte. Viagem longa, com muitos documentos de preparação, com diversos imprevistos, como horário e clima, que influenciou diretamente no vôo. Além das estratégias de câmbio que não favoreceram, assim como as poucas informações sobre o intercâmbio em si, passadas pelo Aiesec, no qual eu era dependente para realizar minha inserção naquele país. E que por mais que eu tenha buscado esclarecer minhas dúvidas com eles previamente, não tive o detalhamento dessas informações, como se eles quisessem fazer uma surpresa, ou não tinham ainda, a certeza dessas informações para poder me repassar. Mas, de alguma forma, todos esses contratempos me serviram de aprendizado.

Pois bem, parti da casa de Álvaro me despedindo com gratidão, já que, mesmo com condições precárias, tive pouso seguro para dormir e realizar minha higiene pessoal e acolhimento pois fiz um bom amigo naquele curto período de tempo. Foi no 5º dia em que estava na Colômbia que rumei para o novo bairro em que ficaria hospedado, chamado de *Los Robles*. Luiza era o nome da minha nova *host*. Sua casa possuía uma infraestrutura boa e percebi que ficaria tranquilo naquela casa nos dias que restavam de intercâmbio.

Luisa cedeu seu quarto para que eu me hospedasse, enquanto ela, nesse período, ficaria dormindo no outro quarto, junto com sua mãe. Além de sua mãe Liliana, morava na casa seu tio, Juan Camilo e um pequeno cachorro, Milu. Observei que um dos quartos dessa casa também não tinha janela, o que me fez perceber que isso era algo comum nas casas colombianas, pelo menos naquela cidade na qual me encontrava.

Estar em um quarto individual, além de privacidade, me proporcionou tranquilidade para realizar a escrita do meu diário de bordo, que cuja elaboração era parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) que estava se desenvolvendo e que tinha como temática a experiência (formativa) do intercâmbio.

No mesmo dia em que fui recebido no novo host, conheci a equipe do Aiesec de Barranquilla. Nos encontramos na parte norte da cidade, considerada a mais nobre, em uma cafeteria, junto com os outros intercambistas daquela temporada. Éramos 7 intercambistas: 3 mexicanos, 1 italiano, 1 alemã, e somente eu de brasileiro. Os colombianos apresentaram a sua equipe e o trabalho que desenvolviam, além de contar algumas curiosidades, costumes locais e aspectos de sua cultura e linguagem. Na Costa colombiana, existem tantas palavras locais, que pode-se dizer que eles falam costenhol, o espanhol falado por costenhos (colombianos da costa do país). Informaram também as atividades que iríamos desenvolver e os seus devidos locais. Foi nesse momento que descobri que trabalharia em uma escola chamada Atanásio Girardot, uma fundação que se localiza no bairro *La Sierrita*, que fica na parte sul da cidade, considerada uma região de periferia e um dos bairros mais perigosos de lá.

Esse encontro tinha caráter explicativo, informando os locais onde estaríamos atuando como voluntários. Cada intercambista teve informações preliminares sobre a Fundação em que trabalharia, assim como sobre os horários, dias da semana, direitos e deveres com as instituições. Foi combinado de uma vez por semana, nos encontrarmos na sede do Aiesec de Barranquilla, que fica na Universidade Del Norte, para realizarmos a apresentação dos relatórios sobre o desenvolvimento das atividades.

Depois das questões formais que foram passadas, fomos todos confraternizar em uma lanchonete local, onde comemos uma comida rápida típica barranquillera, chamada "Salchipapa" que nada mais é do que uma montanha de batata frita, com salsicha, carne e muito molho por cima. Os colombianos apreciam e consomem muito esse prato, sendo vendido em todos os lugares.

A primeira semana do intercâmbio é para que os intercambistas conheçam a cidade e com ela se familiarizem. Os colombianos se mobilizaram para levar o grupo de intercambistas a uma discoteca na parte norte da cidade, onde se concentravam as opções turísticas mais interessantes de Barranquilla, por ser a parte mais desenvolvida e com bairros mais seguros.

Na discoteca, pelas músicas que tocavam e pela forma em que dançavam, percebi que a cultura colombiana valoriza ritmos diferentes dos nossos. Lá, os estilos que mais se escutam são o *reggaeton*, a salsa, a *champeta*, o *bayonato* e a *ranchera*. O *reggaeton* lembra um pouco o funk brasileiro na forma de dançar. A salsa é mais conhecida mundialmente e os passos assemelham-se um pouco ao forró do nordeste brasileiro. A *champeta* é uma espécie de música brega. O *bayonato* parece bastante com o sertanejo universitário do Brasil. E a *ranchera* é o que eles chamam de música popular colombiana, e é muito cantada entre todos os nativos do país, inclusive pelos mais jovens.

No dia seguinte, caminhei pelo bairro novo em que estava morando. Conhecendo os principais locais. Uma observação na cultura colombiana é que eles não possuem o costume de andar sem camisa nas ruas, mesmo fazendo muito calor na cidade. Isso não

fazia muito sentido para mim já que, sendo brasileiro, vindo de uma cidade tropical, tenho o costume de andar sempre que possível sem camisa nas ruas da minha cidade. Porém, em Barranquilla, não pude fazer isso, pois quando experimentei, todos me olhavam de maneira negativa. Foi quando perguntei se esse ato era malvisto pela sociedade.

Fiquei atônito com a confirmação e estranhei bastante o fato de, em pleno século XXI, no qual os meios de comunicação estão acessíveis para a maioria das pessoas, com a mídia, filmes, moda, trazendo a diversificação e manifestação humana nas mais variadas formas, uma sociedade como a de Barranquilla apresentar tanto preconceito com aspectos simples, como tatuagens, brincos ou piercings, e até mesmo ficar sem camisa. Esse tipo de comportamento se apresenta principalmente dentro de instituições que possuem alguma ligação religiosa na sua essência, ou por pessoas mais velhas que ainda se prendem nos velhos costumes, resistindo às mudanças do mundo.

A essa altura da experiência, havia completado uma semana na Colômbia e já conseguia observar como funcionava um pouco aquela sociedade. Pude perceber que eles possuem uma sociedade muito elitista e preconceituosa, pelo menos naquela parte em que eu estava no país. A impressão que tive foi que os costenhos possuem um pensamento arcaico, sem acompanhar o modo como o mundo vem se desenvolvendo. Em que pese a empatia e a bondade, a mentalidade da maioria das pessoas parece ser de caráter tradicionalista e conservados.

No início da minha segunda semana no país, fui com minha *host* Luisa até o bairro *La Sierrita* para conhecer a escola e aprender o caminho para chegar até lá sozinho nas outras vezes. O trajeto para chegar Fundação chamava atenção pela precariedade das ruas, principalmente quando passava por uma avenida chamada *Cordialidad*. Nessa época, estava acontecendo uma obra de ponta a ponta na avenida, levantando muita poeira que entrava dentro dos veículos que passavam e engarrafando o trânsito local.

Além disso, durante o trajeto muitas pessoas subiam nos ônibus para poderem vender coisas que em sua maioria eram biscoitos, balas e amendoins. Essas cenas muito me

lembravam a situação da falta de empregos no Brasil e que leva muitas pessoas a tentarem ganhar a vida nessas condições precárias de subsistência, vendendo esses mesmos itens - e outros, como óculos, capinhas de celular, etc - nos coletivos das grandes cidades no Brasil nos tempos atuais.

O que diferencia é que a maior parte desses vendedores, lá, são venezuelanos que migraram para Colômbia e outros países, devido à situação difícil em que se encontra a Venezuela. Essas pessoas procuram nesses países uma realidade melhor do momento de seu país. Essa situação trouxe muita pobreza para alguns setores de Barranquilla, principalmente na parte sul da cidade, onde se concentram os bairros periféricos, mas atingiu também outros lugares da Colômbia.

O bairro no qual residi durante o período que estive em Barranquilla se encontra na parte sul da cidade. Apesar disso, é considerado um "bom bairro", devido ao forte patrulhamento policial, que acaba gerando uma segurança maior para os moradores e as boas casas que foram construídas dentro do bairro. Durante o tempo em que estive lá, observava as construções locais e interagia com os moradores, o que ocorria principalmente no parque poliesportivo que situava próximo à casa onde morei.

Nesse parque ocorre a prática de diversos tipos de esportes, dentre eles principalmente, o futebol, baseball e ciclismo. Também ocorre uma manifestação cultural das ruas, o *hip hop*, por meio da batalha de rimas de *rap*. Nas batalhas de rimas, uma pessoa disputa com a outra quem rima melhor, tendo como base um solo instrumental que é colocado e os adversários "se atacam" com frases improvisadas, durante um tempo determinado.

Pude participar de alguns encontros batalhando contra eles. Como meu espanhol ainda não estava tão fluido para o nível de rima improvisada, também conhecida como *Freestyle*, tive que fazer uma mistura com os dois idiomas. Dessa maneira, utilizava as palavras que conhecia em espanhol e as que não sabia complementava em português. Mesmo sem eles me entenderem muito bem, todos que assistiam, vibraram e gritaram com o que rimava, e queriam ouvir mais.

Depois do dia que rimei pela primeira vez com/contra eles, muitas pessoas passaram a me reconhecer no bairro, e sempre que eu passava, me saudavam com "*hola brasileño*" e com um sorriso no rosto. Essas batalhas envolvem energia e sentimento e foi por meio dessa linguagem corporal/musical que eu experimentei uma das mais fortes sensações de pertencimento no intercâmbio. Essas conexões que tive o privilégio de viver foram uma das que mais marcaram no tempo em que estive na Colômbia.

Na mesma semana em que visitei a Fundação na qual atuei como voluntário, conheci a *Universidad del Norte*, lugar em que ficava a sede do AIESEC em Barranquilla. Era nessa sede que ocorriam as reuniões dos intercambistas com a equipe que coordenava o intercâmbio e onde compartilhamos as atividades que estávamos desenvolvendo dentro dos projetos sociais. Nesse primeiro dia de encontro na sede da Aiesec foi combinado entre a equipe de intercâmbio e os intercambistas, de uma vez na semana, nas quartas-feiras a tarde, nos reencontrarmos naquele mesmo espaço, para dar continuidade no acompanhamento das atividades desenvolvidas.

A equipe do Aiesec que participava desse encontro eram alunos de cursos variados da UniNorte, como Relações Internacionais e Jornalismo. Em algumas das reuniões a responsável pelo programa de intercâmbio, no setor Barranquilla, Andrea Bustillo, também estava presente para acompanhar como estava sendo o desenvolvimento. Foi através dela que realizei todos os questionamentos voltados ao intercâmbio. Em sua maioria, ela conseguiu intervir de alguma forma. Os demais intercambistas também estavam presentes nessas reuniões e traziam o que estavam vivenciando em suas respectivas Fundações. Dessa forma conseguíamos trocar informações sobre os trabalhos de uma forma geral, e como cada qual estava lidando com os desafios, do idioma, da convivência no voluntariado, e também com as famílias que nos hospedavam.

A infraestrutura da UniNorte é impressionante: prédios com arquitetura moderna e ao mesmo tempo minimalista. O contraste do concreto de suas construções que se harmonizam com o verde da natureza local cria um ambiente que propicia uma sensação futurista. Há equipamentos eletrônicos de ampla variedade acessível para seus

estudantes, grandes salões para inúmeros tipos de apresentações, e até mesmo um campus com dormitórios, para aqueles que residiam em outras cidades colombianas, e queriam estudar na UniNorte.

É uma realidade diferente do que eu vivi na Ufes. A UniNorte é uma Universidade privada, e uma das mais custosas da cidade. Creio que, por isso, eles possuem recursos suficientes para proporcionar essa infraestrutura vistosa para os alunos. Porém, mesmo com menos recursos, ou talvez mais despesas, observo que a UFES consegue proporcionar aos seus alunos experiências ricas de conhecimento por meio de inúmeros projetos presentes, em diversos cursos (eu mesmo tive a oportunidade de participar de alguns). Aqui, as relações humanas somadas ao aprendizado acadêmico são um fator fundamental para a transformação do indivíduo.

No terceiro final de semana de estadia na Colômbia, alguns integrantes da equipe AIESEC se mobilizaram para levar os intercambistas para conhecerem uma cidade vizinha de Barranquilla, chamada Santa Marta. Essa cidade fica a 2 horas de ônibus e possui muitas praias de águas claras, principalmente no parque natural chamado *Tayronna*, região excelente para aventureiros que desejam explorar a natureza e acampar. Lá também existe a região de montanhas, com muitas cachoeiras e névoa, onde se encontra diversos tipos de hospedagem para aproveitar o que a região pode oferecer. Essa parte da cidade é a *Reserva Natural de Minca*.

Ao chegar em Santa Marta, o grupo desfrutou de uma noite tranquila, explorando a noite agitada da cidade, que nesse dia comemorava a data do dia das bruxas, 31 de outubro. Onde muitas pessoas estavam vestidas a caráter e celebravam com grande descontração. No dia seguinte, o grupo seguiu em uma expedição com um motorista/guia que contratamos, para nos levar de carro às montanhas da *Reserva Natural de Minca*, em suas principais cachoeiras, e, por fim, na hospedagem onde encerraríamos o dia no alto das montanhas.

Chama-se *Casa Elemento* esse local que era uma pousada/hostel, rodeada por neblina e com uma estrutura que oferece grande conforto com simplicidade. Um lugar

extremamente bonito e aconchegante, palco de visitação e acomodação de turistas de diversas partes do mundo justamente pela beleza e vivência única que o espaço e instalações proporcionavam. Além da ampla área de lazer que possuía, a pousada continha uma peculiaridade que enriquecia a experiência para o hóspede, que eram macas de rede, que ficavam na beirada da montanha, nas quais se podia deitar e apreciar a natureza de forma única. Um verdadeiro pedaço do paraíso no meio da Colômbia.

Uma das pessoas que fazia parte do nosso grupo passou mal em decorrência do clima frio das montanhas e tivemos que retornar para a parte urbana de Santa Marta. Não pudemos assim manter a programação planejada. Com esse imprevisto, tivemos que conseguir hospedagem de última hora em outro *hostel*.

No dia seguinte fomos às praias da cidade e visitar a reserva do parque natural *Tayrona*, que possui uma grande variedade ecológica. Para se chegar em suas principais praias é preciso encarar uma caminhada de quase duas horas. Em nosso grupo, uma das integrantes estava acima do peso e sentia mais dificuldades para fazer uma caminhada mais longa como aquela, além de ter um ritmo naturalmente mais lento. Os demais colegas do grupo caminhavam muito depressa, abandonando-a.

Essa situação me incomodou já que estávamos ali juntos, para conviver e aprender com essas situações de conflito de interesse. Na noite anterior, a decisão não tinha sido "desgarrar" a pessoa que estava passando mal de modo a só ela descer para a parte urbana de Santa Marta. Descemos todos. Mas naquela situação em que havia aptidão de uns e inaptidão de outro, sem palavras, a atitude foi apenas "deixar para lá e seguir o caminho". Observando essa decisão velada do grupo, optei por reduzir o ritmo para que pudesse acompanhá-la durante o trajeto.

Após a longa caminhada, o grupo chegou nas primeiras praias que compõem o parque natural. Essas, com águas verdes e ondas suaves, propiciaram um dia tranquilo para todos que estavam presentes, com um clima descontraído que registraram em nós boas memórias desse dia.

Durante o retorno para Barranquilla, refleti sobre os acontecimentos dos últimos dias em que viajávamos. Percebi o quanto é desafiante viajar em grupo e agradar a todos, e se não estamos disponíveis e dispostos a construir novos consensos, melhor fazer a nossa programação pessoal e viajar sozinho, ou com menos pessoas.

Nas 2 últimas semanas do intercâmbio, me deparei com um delicado problema: fiquei com poucos recursos financeiros, que sequer cobririam as despesas com as minhas atividades programadas junto à Aiesec. Além disso, eu ainda tinha a expectativa de conhecer alguns lugares para os quais seria necessário um capital maior. A solução que encontrei foi levantar algum dinheiro produzindo e vendendo alguma coisa. Nesse sentido, investi o pouco dinheiro que tinha comprando ingredientes necessários para produzir brigadeiros artesanais e vendê-los na *Universidade del Norte* durante uma semana. A estratégia deu certo, conseguindo assim a quantia que seria necessária para os outros dias que me restavam no país. Como na última semana do intercâmbio eu não tinha mais o compromisso com o projeto e nem tampouco com o AIESEC, aproveitei esses dias para conhecer alguns lugares e ao mesmo tempo me despedir do país.

3.3 Educação Física, aqui estou...

Feito o registro geral da viagem, neste tópico priorizo a construção da narrativa a partir das anotações do diário de bordo que dizem exclusivamente à intervenção colaborativa na área de Educação Física.

No início da minha segunda semana no país, visitei pela primeira vez a instituição na qual atuei como voluntário. A *Fundación Mayor Para el Desarrollo Social Atanasio Girardot*, doravante Fundação Atanasio Girardot, é um organização sem fins lucrativos fundada em 2009 que trabalha para o desenvolvimento da sociedade por meio da prestação de serviços de educação a crianças no Bairro *La Sierrita* e setores vizinhos no sudoeste da área metropolitana de Barranquilla. Essas informações constam de um documento oficial da Fundação Atanasio, que recebi diretamente dos responsáveis

Ela tem como missão formar homens e mulheres “de verdade” para a sociedade, dentro da uma visão de educação religiosa baseada no cristianismo.

Ao chegar na escola, conversei com a equipe da Fundação e do Aiesec que mediava aquela inserção. Nesse primeiro dia, expus minhas ideias e o que gostaria de trabalhar com as crianças. Apresentei a eles a proposta de ensinar Capoeira para os alunos, como uma forma de trazer uma expressão da matriz cultural do Brasil para os colombianos e, assim, eles terem contato na prática diretamente com um brasileiro. Com essa proposta busquei expressar a essência do que representa um intercâmbio, que é principalmente essa troca cultural. Além disso, trouxe como proposta o trabalho com os esportes coletivos de quadra: futebol, basquete, handebol e vôlei, no qual eles seriam ensinadas por meio de jogos e brincadeiras, fazendo uma interconexão com o conhecimento adquirido nas disciplinas do currículo da Educação Física na UFES em ambas as propostas.

Tive a ideia de trabalhar esse conteúdo durante a conversa que tivemos nessa reunião, pois antes de ir para a Colômbia, não sabia ao certo o que teria que desenvolver no voluntariado. Não recebi essas informações do Aiesec antes de partir do Brasil. Porém, conforme fomos conversando e eles expondo os trabalhos que realizavam dentro do projeto, clareou para mim as possíveis atividades que poderia desenvolver ao longo do voluntariado, de acordo com o conhecimento que eu possuía na ocasião. Sem dúvidas alguma, ter feito as disciplinas de Capoeira com o professor Fábio Loureiro (mestre Fábio) e a de Jogos com o professor Edson Castardeli foram fundamentais para a elaboração desse planejamento, que foi apresentado para os responsáveis da Fundação, e, posteriormente, aos alunos. Além de outras disciplinas optativas de esporte, como Basquete, por exemplo, em que teria realizado na Universidade.

Num primeiro momento, todos que estavam na reunião se mostraram bastante animados com as propostas. Combinamos que eu trabalharia de terça à quinta-feira, correspondendo a 3 dias semanais, no período de 9 horas da manhã até às 13 horas. Depois da minha atuação no período combinado, a Fundação me ofereceria o almoço e eu voltaria para casa.

Como dito, minha proposta era tematizar a capoeira e o futebol, o basquete, o handebol e o volei por meio de jogos e brincadeiras, pois trabalharia com crianças de 7 a 17 anos a princípio. Os responsáveis e fundadores da instituição, Senhora Nancy que é a coordenadora e sua filha Katis me informaram aspectos cruciais para que eu pudesse atuar na instituição. A Fundação baseia-se em princípios religiosos, portanto, tatuagens amostra, brincos e certos estilos de cabelo não eram permitidos lá dentro. Eles acreditam que essa exposição pode "influenciar mal" os homens "de verdade" que desejam formar.

Isso gerou um pequeno constrangimento - e que a princípio nem deveria ter sido criado, posto que a Aiesec deveria saber de antemão desses critérios e saber que eu não me encaixava neles. No meu caso eu não atendia os critérios pois possuía os 3 "fatores proibidos" por eles: sou tatuado, uso brinco e uso cabelo estiloso. Vi a minha oportunidade de intercâmbio profissional quase fracassar já que o meu corpo poderia impedir minha atuação naquele espaço de intervenção.

Novamente tive que reportar a situação para o Aiesec, e questionei por que tinham me enviado para um local com tais restrições, sendo que eu possuía tais características. Ainda assim, tentei apresentar soluções como não usar o brinco no local de trabalho e usar um chapéu para esconder o estilo de cabelo. Mas as tatuagens visíveis não seriam possíveis esconder.

A princípio, os responsáveis pela Fundação foram resistentes quanto a isso, mas depois que reportei para o Aiesec, eles mudaram de opinião e me permitiram - pelo menos em tese - atuar lá. Para iniciar os trabalhos, eles solicitaram que eu fizesse uma apresentação para os alunos, falando sobre mim e o que fui fazer na Colômbia. A ideia central desta apresentação era falar um pouco sobre o Brasil, o estado de onde vim e o que estaria "ensinando" para os alunos. Eles me disponibilizaram um computador da escola para que pudesse preparar esse material, mas, como a Fundação possuía recursos limitados, o computador que eu utilizava na verdade era compartilhado com todos os

outros funcionários. Dessa maneira, sempre alguém me interrompia durante o processo de construção desse material.

Nos momentos em que conseguia acessar esse computador, preparei um conjunto de slides, topicalizados e separados por temas, com imagens relacionadas ao conteúdo, apresentando um pouco da minha pessoa, assim como do Brasil, Espírito Santo, e sua cultura e costumes. Como também a proposta de atividades em que nós trabalharíamos durante aquele período. Dentre elas, a principal seria a Capoeira, e com isso trouxe elementos explicativos nesses slides sobre sua cultura e desenvolvimento. Também os esportes que seriam trabalhados, por conta do pouco tempo que teria, eram o futebol, basquetebol, handebol e vôlei, de forma sucinta para que fosse possível, desfrutar da prática ao mesmo tempo que seria assimilado o aprendizado básico.

Mas, essas interrupções tinham alguma vantagem pois, nesse meio tempo que esperava, eu interagia com as crianças da escola que circulavam fora das salas de aula. Elas sempre estavam alegres e curiosas para me conhecer, por ser estrangeiro e por ter a aparência de jovens de Medellín (cidade mais moderna no país), com o estilo de cabelo e tatuagens. Quando se aproximavam faziam muitas perguntas, dentre elas, de onde eu vinha no Brasil, se conhecia o Cristo Redentor, quais eram as comidas típicas do meu país. Perguntavam com entusiasmo e se alegravam com as respostas. Essa interação com as crianças também me proporcionava um sentimento de acolhimento e pertencimento, no sentido de eu estar cumprindo um dos objetivos de eu estar ali como intercambista: a troca cultural deve ser sempre de mão dupla.

Na escola, era de praxe me deixarem esperando muito tempo para ser atendido pelos funcionários da Fundação. Isso me incomodava bastante, pois chegava sempre num bom horário para iniciar as atividades, mas só começava a poder fazer algo, quase 2 horas depois de ter chegado. Externalizei essa situação para a coordenadora da escola e ela me informou que os alunos tinham uma programação de aulas e, por isso, cabia a mim ter que esperar eles conseguirem abrir um horário para eu poder realizar o que tinha proposto.

Estávamos entrando na 3ª semana em que estava como voluntário no projeto, metado do período no qual se realizava o intercâmbio, e eu ainda não tinha tido a oportunidade de atuar diretamente com as crianças e nem fazer ao menos a apresentação que me foi solicitada. Com essa situação posta, o tempo que eu passava na escola era dedicado a me concentrar na apresentação que desenvolveria no computador e aguardar pela chance de conseguir atuar junto aos alunos da Fundação.

Pela forma que estava sendo conduzido, essa atuação ocorreria somente quando houvesse um tempo livre, dentro da programação de atividades que os alunos tinham na Fundação. O que não fazia sentido tendo em vista, que no primeiro dia que fui ao projeto, foi explicado pelos responsáveis e professores, que eu teria esse espaço cedido para desenvolver as atividades que apresentei para eles em reunião. Dois membros da Aiesec estavam presentes naquela primeira reunião para acertar com a Fundação o trabalho que ocorreria durante o voluntariado.

Contudo, a programação combinada naquela reunião não foi seguida conforme o planejamento e, mesmo informando ao Aiesec que ainda eu não estava conseguindo atuar no projeto conforme havíamos combinado, permaneci tendo que esperar por esse espaço, por parte da Fundação. Interpretei essa situação como uma resistência, por parte dos responsáveis pelo projeto, de me deixar atuar com alunos, devido à minha aparência e estilo, talvez, como anteriormente mencionado. Também uma falta de organização da parte do Aiesec ao direcionar o intercambista voluntário, para os espaços que melhor os receberiam, e que assim pudessem, realizar a proposta das atividades no voluntariado.

A oportunidade de maior interação surgiu quando os alunos do projeto fizeram uma visita a um clube da cidade. Nesse dia, eles tiveram diversas atividades, que incluíam dança, jogos, brincadeiras e esportes. Foi o momento no qual pude participar com os alunos de forma ativa e registrar essas manifestações que ali se encontravam. Interagi nas partidas de futebol com os alunos mais velhos, nas dinâmicas apresentadas pelos professores da Fundação para os alunos mais novos. Assim como os momentos de descontração na hora do lanche, por exemplo.

A última semana foi a qual de fato, consegui realizar as atividades para as quais havia me preparado e que estavam no planejamento que fiz para atuar na Fundação Atanásio Girardolt. Como o tempo ficou muito reduzido, não foi possível realizar o que planejei na íntegra. Portanto, foi necessária uma adaptação, para os 3 dias restantes, em que ainda estaria como voluntário no projeto.

Dessa forma ocorreu uma apresentação em sala de aula, no qual foi utilizado o recurso de slides, na demonstração do conteúdo que seria trabalhado. Fiz uma contextualização da cultura do Brasil, das características do Espírito Santo, e falei um pouco das regiões do país. também nessa oportunidade, apresentei o conteúdo que seria desenvolvido e as atividades que seriam realizadas no decorrer daqueles poucos dias.

A capoeira foi o objeto de ensino tematizado, sendo trazido os aspectos que englobam sua história, tradição e costumes. Além da explanação, propus a experimentação de movimentos que possibilitaram uma breve vivência dessa prática corporal. Os alunos participaram de forma ativa em todas as atividades que foram propostas, tendo um desenvolvimento e assimilação rápida com a prática da capoeira. Nos poucos dias que tiveram em contato com a prática, conseguiram desenvolver a ginga e alguns outros movimentos básicos, dentre eles estavam a esquiva, cocorinha, martelo, benção e negativa, além de terem conhecido sobre os estilos de capoeira, os instrumentos e importância histórica para o país, e principalmente, para os negros.

Assim encerrei minhas atividades intercambistas com a Fundação Atanásio Girardolt. O aprendizado adquirido com essa experiência, será levado para todos os lugares. É importante para qualquer pessoa que queira realizar um intercâmbio voluntário se informar com precisão sobre tudo o que será vivenciado antes da experiência do trabalho, principalmente no que envolve a receptividade da instituição que for prestar esse serviço, assim como, o local onde irá residir durante esse período de viagem. Garantir essas questões previamente é muito importante para que as adversidades vivenciadas sejam evitadas e a experiência a qual está se dispondo consiga ser vivida em sua totalidade.

Apesar das dificuldades e limitações encontradas naquele espaço, nos momentos em que foi possível ter uma interação com as crianças, ela fluiu com naturalidade e a intervenção para a qual me preparei e tanto desejei foi minimamente realizada.

4. O que aprendi com o intercâmbio

Essa experiência internacional me propiciou enxergar muito além do que poderia imaginar, trazendo reflexões profundas sobre a vida como um todo, e sobre mim mesmo, num processo de autoconhecimento constante. Desde o primeiro momento que entrei no aeroporto internacional de São Paulo até os meus últimos momentos na Colômbia, consegui extrair ensinamentos valiosos que vou levar no decorrer da minha jornada e construção como ser humano.

Um dos fatores que muito chamou atenção durante o período que estive no intercâmbio, foi a nossa capacidade de adaptabilidade, diante dos desafios que surgem no caminho. Com otimismo, somos capazes de encontrar soluções para quase tudo que possa surgir, e com paciência e confiança no processo, as que não conseguimos, aprendemos a deixar acontecer, pois o próprio tempo trará as respostas.

Nesse tempo em que estive fora do país, entendi que nem tudo vai ser da maneira que imaginamos, mas que mesmo diante dessa realidade, muitas coisas positivas também estão ocorrendo. Porém, se estivermos focados naquilo que não está acontecendo, nos sentimos frustrados e pessimistas com a nossa jornada. Essa reflexão me ocorreu enquanto estava na Colômbia, passando por inúmeros obstáculos diários, desde a minha atuação dentro da Fundação Atanásio Girardot até as dificuldades que surgiram no convívio social, com os intercambistas e a família que me recebeu em sua casa. Percebi que lutar contra tais acontecimentos não cabia a mim, pois dessa forma não teria a efetividade no que buscava. Mas quando expus a realidade vivenciada e com tranquilidade consegui transmitir minhas ponderações e colocações em relação a elas, foi quando consegui ser ouvido, e onde aconteceu a real transformação naquilo que era necessário.

Foram nessas tensões e interseções que fizeram sentido as colocações de Sebben (2007), sobre viver a vida rotineira em outro país e deixar que a experiência do estudo, do trabalho, das interrelações cotidianas nos possuam e nos desafiem de modo a provocar mudanças de si mesmo.

É importante estar atento aos programas de intercâmbio, pois nem todos conseguem atender a todas as demandas ofertadas aos intercambistas. Observei uma desorganização da parte do Aiesec, principalmente no que tange, ao direcionamento das atividades às instituições que os intercambistas são encaminhados. Mas ao mesmo tempo, eles são solícitos aos questionamentos, que possam estar surgindo durante a experiência, o que gera uma boa flexibilidade, como um todo. Porém, se eles acertarssem os detalhes necessários previamente, poderão realmente dizer, que realizam um trabalho impecável com os intercambistas.

Jovens são criativos, possuem em sua maioria larga vontade de viver, disposição para materializar seus sonhos, portanto, são revolucionários. Creem que podem criar realidades incríveis, somente com essa vontade conhecer o novo, de explorar o mundo, experimentar sensações, e aprender com os erros e acertos, pois sem eles seria impossível chegar em lugar algum.

Com a experiência vivida no intercâmbio, aprofundei em mim uma grande resiliência com as dificuldades e busquei soluções para conseguir viver o que tinha me proposto naquele país. Com isso fui capaz de sair da minha zona de conforto para conseguir vivenciar o que teria planejado.

Nem sempre teremos alguém para segurar a mão e dizer palavras reconfortantes. Nesses momentos em que enfrentamos nossas batalhas internas, é preciso ter uma voz positiva dentro de Sí, trazendo a tranquilidade necessária para superar o que é vivenciado, sem deixar de seguir em frente, pois somente assim conseguiremos atingir nossos objetivos.

Encerro minhas palavras, dizendo que todos deveriam vivenciar, ao menos uma vez na vida, a experiência de um intercâmbio, não importa onde seja, mas que seja um lugar que se possa mergulhar e se entregar para tal experiência. Pois sem dúvidas será um divisor de águas, abrindo inúmeras possibilidades na jornada pessoal e enriquecendo a maneira de enxergar a vida e tudo que se apresenta.

Tenho profunda gratidão por todos os processos do meu caminho, pois sem eles, talvez nunca tivesse saído do lugar em busca de novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

BARTELL, M. Internacionalização das Universidades: Uma universidade cultural baseou a estrutura. Instrução mais elevada. Manitoba, Winniepeg, 2003.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Hospitalidade. São Paulo: Aleph, 2004.

SEBBEN, Andréa. Intercâmbio Cultural – para entender e se apaixonar. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, Allan Ferreira dos. Diários de Bordo: relatórios de uma prática investigativa da subjetividade e do mundo objetivo. Psicologia.PT. 2018. Disponível em https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1173.pdf

Bases eletrônicas de dados

https://www.uninorte.edu.co/sobrenosotros

https://aiesec.org.br/a-aiesec/

https://www.dicio.com.br/intercambio/